Abaixo a falsificação!

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

De vez em quando recebo uma pergunta que começa me irritando, mas depois que me acalmo percebo que Deus está me cutucando para esclarecer um ponto que precisa. Isto aconteceu há pouco com a 'joia' atribuída a Jerônimo de que em sua época "a maioria" ou "quase todos" os manuscritos gregos não continham os últimos doze versículos de Marcos. Visto que dos cerca de 1700 MSS gregos que conhecemos e que contêm o último capítulo de Marcos, apenas três não os têm (um deles sendo uma falsificação neste lugar), como poderia uma grande maioria no século V ser reduzida a uma fração de um por cento mais tarde? Em termos da ciência da probabilidade estatística, tal inversão é simplesmente impossível. Só uma campanha mundial que fosse virtualmente 100% bem-sucedida poderia provocar tal mudança, e não há a menor evidência de tal campanha. Lembre-se de que a campanha de Diocleciano para destruir os MSS do NT (aplicados de forma desigual em diferentes áreas) já era história passada fazia um século (para não mencionar a "conversão" de Constantino e as suas consequências).

Kenneth Scott Latourette (*A History of Christianity* [Nova York: Harper, 1953], p. 231) descreve Eusébio Hieronimus Sophronius (vulgo Jerônimo) como "um estudioso talentoso e diligente, enormemente erudito, um mestre de línguas, um amante de livros, empunhando uma caneta fácil, vigorosa e muitas vezes mordaz" que "foi um defensor eloquente da vida monástica". Ele sem dúvida tinha seus defeitos [como todos nós], mas não era ridiculamente estúpido, como teria que ser para fazer a afirmação que lhe foi atribuída. Nosso conhecimento da 'joia' vem do século X [o intervalo de cinco séculos não inspira confiança]; é quase certamente uma falsificação (alguém 'pegando emprestado' um nome famoso para dar credibilidade a alguma declaração). Visto que as "vacas sagradas" não gostam de morrer, é necessária uma revisão de alguma história relevante.

K. Aland sobre o Egito

Mesmo aquele grande defensor de um texto egípcio, Kurt Aland, reconheceu que durante os primeiros séculos, incluindo o IV, a Ásia Menor (especialmente a área do Egeu) era "o coração da Igreja". (Tornou-se também o coração do Império Bizantino e das Igrejas Ortodoxas.) A procura de cópias do NT teria uma influência direta na oferta, bem como nas áreas onde as cópias seriam concentradas. Mas sobre o assunto do Egito, Aland disse o seguinte:

> Nosso conhecimento da igreja no Egito começa no final do século II com o bispo Demétrio, que reorganizou a igreja egípcia predominantemente gnóstica, fundando novas comunidades, consagrando bispos e, acima de tudo, estabelecendo relações com as outras províncias da irmandade da igreja. Toda igreja

> precisava de manuscritos do Novo Testamento – como Demétrio poderia fornecê-los? Mesmo que houvesse um scriptorium em sua própria sé, ele teria que procurar exemplares "ortodoxos" para os escribas. As cópias existentes nas comunidades gnósticas não puderam ser utilizadas, por estarem sob suspeita de corrupção. Não há como saber onde o bispo procurou exemplares para os escribas, ou o grande número de manuscritos em papiro que ele poderia dar diretamente às suas comunidades. ("The Text of the Church?" Kurt Aland, *Trinity Journal*, Vol. 8, Nº 2, Outono de 1987, p. 138 [na verdade enviado na Primavera de 1989].)

Mas só um minuto, por favor. No ano 200 do nosso Senhor, quem no Egito ainda falava grego? (Aliás, quem dentre as pessoas comuns falou grego lá em qualquer momento?) A quais comunidades de língua grega o digno Demétrio poderia estar servindo? Seria provável que os estudiosos ligados à biblioteca de Alexandria se curvassem diante de Demétrio? Até onde sabemos, nenhum apóstolo jamais ministrou no Egito, e nenhum autógrafo de um livro do Novo Testamento foi mantido lá. O domínio gnóstico provavelmente não deveria nos surpreender. Mas a situação em Alexandria é relevante para a questão em pauta por causa de Clemente, e especialmente de Orígenes, que foi mentor de Pânfilo, que foi mentor de Eusébio de Cesaréia.

Eusébio (Cesaréia)

Suspeita-se que o falsificador que "emprestou" Jerônimo na verdade começou por "pegar emprestado" Eusébio (Cesaréia). Ele faz Eusébio responder a um certo 'Marino' com: "Alguém poderia dizer que a passagem não está contida em todas as cópias do Evangelho de Marcos…" O 'nem todos' tornou-se 'alguns' ou mesmo 'muitos', aqui e ali. Se Eusébio realmente escreveu tal coisa, da qual não temos certeza [o intervalo de seis séculos também não inspira confiança aqui], como estava ele qualificado para fazê-lo? Após a destruição romana em 70 DC, a Palestina tornou-se um remanso no fluxo do rio cristão. A transmissão do verdadeiro Texto do NT não deve nada a Cesaréia. Por volta do século 4, haveria milhares, literalmente, de MSS do NT em uso em todo o mundo, dos quais Eusébio (falecido em 339, nascido cerca de 265) provavelmente não teria visto mais do que uma dúzia (a maioria de Alexandria, não da Ásia Menor). Se o Códice B fosse produzido em Alexandria a tempo de Eusébio o ver, isso de facto permitir-lhe-ia dizer "não todas" as cópias; mas por que faria ele isso? E por que deveríamos prestar atenção nele se ele o fez? Mais uma vez, quem na Palestina ainda falava grego no século IV? Que uso Eusébio teria para os manuscritos gregos? Um outro ponto: se Eusébio tivesse escrito tal coisa, teria sido depois da campanha de Diocleciano, presumivelmente, mas ainda estaria fresco na sua memória e ele deveria tê-lo mencionado. Encorajado pelo sucesso, como suponho, o falsificador decidiu "aumentar a

aposta", atribuindo a mesma conversa a Jerónimo, respondendo a uma certa "Hebidia", só que agora é "a maior parte" ou "quase toda".

Jerônimo (Belém)

Jerônimo nasceu por volta de 342 e morreu em 420 (mais ou menos). Durante 382-384 foi secretário do Papa Dâmaso, em Roma, e começou a trabalhar na Vulgata Latina. Pouco depois da morte de Dâmaso (384), mudou-se para Belém, seguido alguns meses depois pela rica Paula, que o ajudou a construir um mosteiro, e assim por diante. Jerônimo passou os últimos 30 anos de sua vida em Belém, ainda mais insignificante do que Cesaréia, e um século depois de Eusébio. Todas as observações negativas feitas sobre Cesaréia aplicam-se aqui com força adicional. Além disso, quem na comitiva do Papa em Roma falava grego em 380 d.C.? De Roma, Jerônimo mudou-se para Belém. Quantos MSS gregos reais do NT teria Jerônimo visto? Certamente menos de 1% do total em uso (naquela altura haveria poucos MSS gregos em Itália e na Palestina – quem os utilizaria?). Nas listas dos "pais" da Igreja primitiva, Jerônimo é geralmente listado entre aqueles que escreveram em latim, não em grego. A afirmação que lhe é atribuída é manifestamente falsa, cientificamente impossível; e ele seria ridiculamente desqualificado para fazê-lo. Não sendo estúpido ou desonesto, ele não o fez!

Adenda

Depois que distribuí o texto acima como minha 'remessa 75', meu amigo canadense, Charles Holm, chamou minha atenção para a pesquisa histórica feita por Timothy David Barnes que é relevante para a credibilidade de Jerônimo (*Tertullian: A Historical and Literary Study*, Oxford: Clarendon Imprensa, 1971). Num apêndice que trata especificamente de Jerônimo, há uma seção chamada "Jerônimo e Eusébio", onde Barnes oferece as seguintes observações (páginas 236-238).

> Primeiro, Jerônimo nunca questiona a confiabilidade de Eusébio. Assim, ele aceita a interpretação de Eusébio sobre o que um escritor diz, sem perguntar se está correta.
>
> …
>
> Em segundo lugar, Jerônimo supera em muito Eusébio em credulidade. O que foi apresentado em Eusébio como suposição ou mero boato é para Jerônimo um fato estabelecido e indubitável.
>
> …
>
> Em terceiro lugar, Jerônimo traduz e entende mal.
>
> …
>
> Em quarto lugar, Jerônimo esconde desonestamente tanto a sua ignorância como a sua dívida para com Eusébio.

Ora, ora, ora, parece que se deve ler Jerônimo com bastante desconfiança. Talvez minha frase final acima devesse ter sido: Não sendo estúpido, ele não o fez! No entanto, continuo a insistir que Jerônimo não poderia ter sido tão estúpido e/ou desonesto a ponto de fazer a declaração ridícula que lhe foi atribuída. Abaixo a **falsificação**![1]

[1] Para documentação detalhada e uma discussão exaustiva de outros aspectos desta questão, veja Burgon, *The Last Twelve Verses according to S. Mark*, pp. 19-31, 38-69, 265-90.